



BoaPrática Justiça Climática

Transformação Comunitária: A Unidade Produtiva Sapucaias II e o Protagonismo das Mulheres na Agroecologia

O projeto Unidade Produtiva Sapucaias II, localizado em Contagem (MG), nasceu da mobilização de mulheres do território, que transformou um terreno degradado em uma horta urbana produtiva. O espaço, antes usado para práticas ilícitas, foi revitalizado para atender demandas de segurança, geração de renda e resgate cultural das mulheres da comunidade, em sua maioria negras. Com o apoio da Prefeitura, do Centro Municipal de Agricultura Urbana e Familiar (CMAUF) e de parcerias como a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER), o projeto estabeleceu quatro zonas principais: plantio coletivo, canteiros individuais, sistema agroflorestal e compostagem. A iniciativa enfrenta desafios como a falta de recursos financeiros e a sobrecarga das participantes, devido à necessidade de conciliar outras atividades produtivas e de cuidado com o trabalho na horta, mas promoveu melhorias significativas em segurança alimentar, autonomia econômica e fortalecimento comunitário. O projeto também deu destaque ao papel das mulheres como agentes de transformação social e ambiental. Além de produzir alimentos saudáveis, contribui com o resgate de raízes culturais, promove a educação ambiental e transformou um terreno subutilizado do território em um espaço de convivência e resistência. Apesar de barreiras estruturais e institucionais, o trabalho coletivo mostrou que iniciativas locais, quando articuladas com o poder público e a comunidade, podem gerar impactos duradouros, unindo sustentabilidade, equidade de gênero e resiliência social.

Prefeita: Marília Aparecida Campos

Município/UF: Contagem/MG

População: 621.863 habitantes.

Órgão/instituição responsável: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Trabalho e Segurança Alimentar (SMDSTSA)/ Centro Municipal de Agricultura Urbana e Familiar



Coordenação da boa prática: Ariele Souza Martins, Gerente de Apoio à Produção Agroecológica do Centro Municipal de Agricultura Urbana e Familiar

Órgãos/instituições parceiras: Secretaria Municipal de Administração (SEAD); Administração Regional Petrolândia; Centro Municipal de Agricultura Urbana e Familiar (CMAUF); UBS Sapucaias; Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER); OSC Irmandade Nossa Senhora do Rosário da comunidade quilombola dos Arturos e moradoras dos bairros Sapucaias I, II e III, ex-participantes do projeto Mulheres da Paz.

Período de implementação: Fevereiro de 2022 até a atualidade.

Contexto

O município de Contagem está localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Com uma população estimada em 621.863 habitantes, de acordo com censo do IBGE de 2022, é o terceiro município mais populoso do estado. Sua área territorial é de aproximadamente 194,586 km², configurando-se como densamente povoado, com grande parte de sua população vivendo em áreas urbanas.

Contagem possui um território fortemente industrializado, sendo um dos principais polos econômicos de Minas Gerais. Abriga um dos maiores distritos industriais da América Latina, concentrando indústrias de diferentes setores, como automobilístico, siderúrgico, alimentício e químico. Apesar de seu dinamismo econômico, enfrenta desafios relacionados à desigualdade socioeconômica e ao planejamento urbano, com áreas de vulnerabilidade social em diversos bairros.

Sapucaias II, bairro localizado na região sul do município, reflete algumas especificidades desse contexto. Trata-se de uma área predominantemente residencial, com caracte-

terísticas mistas de urbanização e ocupação periférica. Apresenta demandas por melhorias em infraestrutura urbana e serviços públicos, como transporte, educação e saúde, comuns em áreas de expansão urbana.

Um dos problemas enfrentados pelos/as moradores/as era relacionado a um terreno baldio abandonado, situado no bairro e de propriedade da Prefeitura, que estava sendo utilizado para descarte irregular de lixo e entulho, ocupado por usuários de drogas ilícitas e via de acesso para práticas ilícitas no condomínio e na Unidade Básica de Saúde (UBS) local. Terrenos baldios trazem problemas já identificados em literatura, oferecendo perigos à saúde ambiental e pública, uma vez que o abandono desses torna o ambiente propício para dispersão de animais vetores e peçonhentos, depósito de lixo, esconderijo para infratores, etc. (Santos et. al, 2023).

A ideia de transformar o terreno em uma horta produtiva surgiu a partir da vivência das mulheres da comunidade. Localizado entre um posto de saúde, um condomínio de moradias populares e uma escola, colocava em risco a segurança dos equipamentos públicos e das pessoas que dependiam desses serviços



ao ser utilizado de forma indevida. De acordo com a gestora do projeto, Bruna Barbosa de Oliveira, as usuárias frequentes do posto de saúde e residentes do condomínio expressavam uma grande angústia ao verem o local tomado por lixo, mato e atividades ilegais.

Nesse contexto, algumas mulheres que participaram do projeto Mulheres da Paz demonstraram interesse em ocupar o terreno e implementar um projeto de horta urbana, motivadas tanto pela necessidade de proteger o território quanto pelo desejo de transformá-lo.

O projeto Mulheres da Paz¹ foi formado por meio de uma iniciativa da Prefeitura de Contagem em parceria com o Ministério da Justiça, via Secretaria de Defesa Social, que capacitou mulheres reconhecidas enquanto lideranças da comunidade em temas como gênero, direitos da mulher, direitos humanos, cidadania, violências e fatores de risco e proteção, tornando-as multiplicadoras de uma cultura de paz no território e, após o término

¹ Para conhecer mais sobre o Projeto Mulheres da Paz, acesse aqui.

do projeto, 11 moradoras dos bairros Sapucaias I, II e III decidiram dar continuidade às atividades coletivas, manifestando interesse em desenvolver uma Unidade Produtiva no terreno em desuso.

A Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho e Segurança Alimentar, especificamente a Subsecretaria de Segurança Alimentar, Nutricional e Agroecologia do município de Contagem atua em duas frentes: com a política de Abastecimento e Educação Alimentar e com a de Agricultura Urbana e Familiar. Dentro dessa política de fortalecimento da agricultura urbana e familiar, atua com capacitação, por meio de cursos e oficinas práticas no território ou no Centro Municipal de Agricultura Urbana e Familiar, que é o equipamento que executa essa política, além de assistência técnica, acompanhamento e comercialização. Esta última é realizada por meio de diferentes estratégias, incluindo a execução do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) com recursos federais, feiras e atividades financiadas pelo município, além da compra municipal destinada a restaurantes populares.



No âmbito da política de Agricultura Urbana e Familiar, desenvolvem as Unidades Produtivas de Agricultura Urbana, que podem assumir diferentes classificações, como institucionais, institucionais comunitárias, comunitárias, propriedades de agricultura familiar ou iniciativas individuais. A Unidade Produtiva Sapucaias II destaca-se, então, como um exemplo interessante dentro desse contexto, por ser composto por um grupo de mulheres que já traziam experiências de processos anteriores, agora mobilizadas para construir uma unidade produtiva que promove autonomia e fortalecimento comunitário.

Uma das integrantes, Rejane Rocha dos Santos Nascimento, conta como foi o início da Unidade Produtiva. “Começamos o contato com a Secretaria de Desenvolvimento Social. A partir daí, a Prefeitura e o grupo de mulheres se reuniram para iniciar o projeto. Depois de alguns encontros, fizemos cursos e palestras e construímos o regimento em conjunto. Temos um mutirão mensal para limpeza e sempre estamos aprimorando para que a horta cresça e seja uma opção de geração de renda. Quando temos alguma dificuldade, apresentamos ao Cmauf e solicitamos ajuda”.

Para as mulheres mais velhas, a iniciativa também representou um resgate de suas raízes rurais, já que muitas têm origem no campo. Como relata dona Marlene, uma das participantes, “isso aqui me deu saúde e vontade de viver, porque sinto que voltei às minhas raízes”.

O terreno foi formalmente cedido à Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho e Segurança Alimentar, por meio do Termo de Responsabilidade e Vinculação 004/2022, para abrigar a Unidade Produtiva de caráter comunitário. O projeto recebeu suporte técnico da Subsecretaria de Segurança Alimentar e do Centro Municipal de Agricultura Urbana e

Familiar (CMAUF), além de contar com a parceria da UBS Sapucaias.

No primeiro credenciamento realizado pela prefeitura, em 2022, que antecedeu o início da implantação propriamente dito, 24 pessoas foram credenciadas, sendo cinco homens (que não participaram de fato do projeto, de acordo com relato da gestora). Na primeira atualização de credenciadas, realizada em 2023, entraram mais cinco integrantes mulheres e, após isso, não houveram novas entradas, apenas saídas. Portanto, passaram ao todo 29 pessoas pela unidade e destas, sete mulheres permanecem atualmente, sendo cinco auto-declaradas pretas e duas pardas.

A proposta foi elaborada para enfrentar desafios cruciais no território, incluindo violência de gênero, desigualdade racial, degradação ambiental e a necessidade de promover educação e autonomia econômica para as mulheres. A violência de gênero, uma realidade persistente em comunidades vulneráveis, é abordada pelo projeto por meio do engajamento comunitário e do fortalecimento dos laços entre as mulheres, criando um espaço seguro de apoio mútuo e organização coletiva. A Unidade Produtiva oferece um ambiente propício para a troca de experiências, o fortalecimento da autoestima e a solidariedade como formas de resistência à violência.

Outro desafio enfrentado é a desigualdade econômica, especialmente entre mulheres pretas, pardas e mais velhas. Essas mulheres enfrentam barreiras adicionais no acesso ao trabalho e à renda. O projeto visa proporcionar autonomia financeira por meio da produção agroecológica, criando uma alternativa sustentável de geração de renda e fortalecendo a independência econômica, essencial para romper ciclos de pobreza e desigualdade racial.



A revitalização do terreno também foi uma prioridade, transformando uma área degradada em um espaço produtivo e comunitário. Essa resignificação promove a recuperação urbana, reforça o senso de pertencimento dos/as moradores/as e demonstra como a comunidade pode reutilizar espaços abandonados para o benefício coletivo. A educação ambiental é outro pilar do projeto, conscientizando as participantes e suas famílias sobre sustentabilidade e preservação do meio ambiente. Por meio das práticas agroecológicas, conhecimentos valiosos são compartilhados e transmitidos às futuras gerações, fortalecendo uma cultura de respeito e cuidado com o meio ambiente.

Além disso, a proposta incorpora a luta contra o racismo ambiental, promovendo a defesa dos direitos humanos e ambientais, considerando que o terreno está localizado entre um condomínio de moradia popular, uma escola municipal e uma UBS. Ao transformar esse espaço em uma área de produção agroecológica e convivência comunitária, o projeto

não apenas combate a degradação ambiental, mas também desafia a injustiça histórica de destinar espaços prejudiciais a comunidades racializadas e vulneráveis, promovendo um ambiente mais seguro e saudável para todos.

Nesse contexto, a consolidação da Unidade Produtiva Sapucaias II transcende a simples produção de alimentos saudáveis. O espaço se estabelece como um local de convivência, interação social e resignificação de vidas e territórios, ao mesmo tempo em que gera renda e sustento para mulheres que, por meio da agroecologia, transformam sua realidade.

Estratégia de Implementação

O processo de implementação da Unidade Produtiva Sapucaias II teve um diferencial significativo em relação a outras iniciativas similares: a organização prévia do grupo de mulheres da comunidade, que identificou um terreno abandonado no bairro e propôs a criação de uma horta



urbana no local. Essa auto-organização foi um fator revolucionário, conforme destacou a gestora do projeto. Essas mulheres já formavam um coletivo, o que lhes conferia maior autonomia e confiança para reivindicar seus direitos junto ao poder público, estabelecer parcerias e viabilizar recursos necessários. A articulação comunitária permitiu que, mesmo diante de limitações institucionais, o grupo conseguisse avançar em sua proposta, transformando o território e consolidando-se como uma referência local.

A iniciativa começou com o contato do grupo de mulheres com a Secretaria de Desenvolvimento Social. A partir dessa aproximação, foram realizados encontros entre a Prefeitura e as participantes, resultando em cursos, palestras e na construção conjunta de um regimento interno. Esse documento, composto por 45 artigos, estabeleceu regras e acordos para o uso do espaço, incluindo objetivos, funções, direitos e deveres das/os participantes, restrições para conservação do local e a formação de um conselho gestor.

- **Objetivos Gerais:** Estão descritos nos Artigos 1º e 2º, que destacam a promoção da inclusão social, geração de renda, acesso a alimentos saudáveis e preservação ambiental.
- **Estrutura da UP:** No Artigo 4º, é explicado que a área de 3.000 m² possui áreas de produção coletiva e individual, atendendo até 25 famílias, e que a água para irrigação é cedida pela UBS Sapucaias.
- **Conselho Gestor:** Previsto no Artigo 8º, o conselho é composto por até oito membros eleitos anualmente, responsáveis por organizar recursos da “caixinha” (Artigo 9º), convocar reuniões e promover a transparência nas decisões coletivas.
- **Decisões Coletivas:** Conforme o Artigo 10º, os participantes devem atuar em consenso, fortalecendo a governança comunitária.
- **Compromissos dos Agricultores:** Estabelecidos nos Artigos 6º e 7º, os participantes devem comparecer a reuniões mensais, mutirões e seguir práticas agroecológicas. Ausências não justificadas podem resultar em exclusão, conforme o Artigo 14º.
- **Manutenção e Segurança:** O Artigo 12º descreve responsabilidades compartilhadas, como a organização das ferramentas e cuidados com o espaço.
- **Práticas Agroecológicas:** O Artigo 3º enfatiza a adoção de sistemas agroflorestais (SAF) e compostagem, além de permitir a comercialização de compostos como receita adicional.
- **Fundo de Manutenção:** O fundo coletivo, gerido pelo Conselho Gestor, é detalhado no Artigo 9º e é sustentado por contribuições mensais e parte das vendas.
- **Infraestrutura e Recursos:** Os desafios descritos no Artigo 15º incluem a falta de recursos para atender o público vulnerável e a necessidade de parcerias para ampliar a sustentabilidade da UP.
- **Propostas Futuras:** Prevê-se, conforme o Artigo 16º, a construção de estruturas acessíveis e fortalecimento da comercialização, com feiras e parcerias.



Mensalmente, o grupo realiza mutirões de limpeza e manutenção, buscando constantemente aprimorar a horta como uma alternativa sustentável de geração de renda. De acordo com Bruna Barbosa de Oliveira, que atuava como Diretora da Agricultura Urbana e Familiar, o ponto mais relevante do projeto está na organização comunitária prévia e o vínculo que as mulheres já possuíam entre elas e com o território:

“E aí essas mulheres já vieram desse coletivo organizado. Aí acabou esse projeto elas ficaram sem recurso, mas quando elas viram o impacto que essa ação delas estar em coletivo era revolucionário na vida delas, elas criaram outros mecanismos de permanecer unidas no território. Então, foi muito legal esse processo, porque ele teve um fluxo normalmente diferente das outras unidades produtivas, porque essas mulheres já estavam organizadas, mapearam esse lote no território e falaram ‘a gente quer fazer uma horta aqui’. E a partir disso que a unidade produtiva foi escalando e é muito diferente ter mulheres organizadas e já um grupo formado, porque, a partir disso, elas se sentiam muito empoderadas e confiantes

de cobrar o poder público dos direitos delas enquanto território [...] a autonomia dessas mulheres e a luta na garantia dos direitos foi revolucionária, porque a gente, enquanto poder público, tem muitas limitações. [...] A gente, com as nossas limitações e até onde nos cabe no poder público, fomos construindo muitas coisas e tudo o que o poder público tem limitações elas conseguiram suprir pela organização comunitária.”

A área de aproximadamente 3.000 m² foi organizada em quatro zonas principais:

1. Produção coletiva, inicialmente dedicada ao plantio de culturas anuais, como mandioca e milho;

2. Canteiros individuais, onde cada agricultora cultiva espécies de sua escolha;

3. Sistema Agroflorestal (SAF), combinando espécies arbóreas, frutíferas e adubadoras;

4. Pátio de compostagem, para produção de adubo a partir de resíduos orgânicos coletados na comunidade.



O terreno foi limpo em parceria com a Regional Petrolândia, que garantiu a remoção de lixo e entulho e a aração inicial do solo. Esse apoio municipal foi crucial para viabilizar os primeiros plantios, realizados em 2022, com colheitas já gerando alimentos para consumo das famílias envolvidas e doações.

A assistência técnica foi garantida pelo Centro Municipal de Agricultura Urbana e Familiar (CMAUF), que prestou suporte desde o preparo do solo até práticas agroecológicas de plantio. O CMAUF também forneceu insumos como sementes, mudas, ferramentas e composto orgânico. A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER-MG) se tornou uma parceira estratégica, contribuindo com formações e sementes. Essas capacitações abordaram, além de técnicas agrícolas, temas como gestão de empreendimentos comunitários e comercialização, fortalecendo a autonomia e as capacidades das mulheres envolvidas.

O grupo estabeleceu parcerias com a Unidade Básica de Saúde, escolas do bairro e a Secretaria de Meio Ambiente. Além disso, organizaram a coleta seletiva de resíduos orgânicos com moradores/as da região para

alimentar as composteiras da unidade. Esses esforços não apenas promovem a sustentabilidade ambiental, mas também reforçam o vínculo comunitário e o engajamento social.

A iniciativa também oferece espaços de comercialização para os produtos agroecológicos, ampliando a visibilidade do trabalho das mulheres e fortalecendo a economia solidária local. A comercialização do excedente da produção tem potencial para transformar a horta em uma fonte sustentável de renda, contribuindo para a segurança alimentar, nutricional e econômica das participantes.

Segundo a equipe técnica do CMAUF, o comprometimento do grupo tem sido um dos pilares do sucesso da Unidade Produtiva. Mesmo com pouca experiência agrícola inicial, as mulheres demonstraram grande interesse em aprender e buscar novas parcerias, consolidando uma prática alinhada às necessidades do território. A próxima etapa inclui a criação de um banco de mudas e a ampliação das atividades, visando escalonar a produção e tornar a unidade ainda mais sustentável e autônoma.

A ocupação e a implementação da horta foram marcadas pela autonomia e determinação do grupo. Houve, por exemplo, uma tentativa de destinar o terreno para outros fins, como a cessão a uma igreja, e as mulheres mobilizaram-se para defender o espaço, argumentando que ali já havia uma atividade estruturada e significativa para a comunidade. Essa ação não apenas reafirmou a relevância da horta, mas também demonstrou a força organizativa e a capacidade do grupo em proteger o que conquistaram.

A articulação entre a comunidade, o poder público e as instituições parceiras exemplifica uma estratégia integrada e inovadora para en-

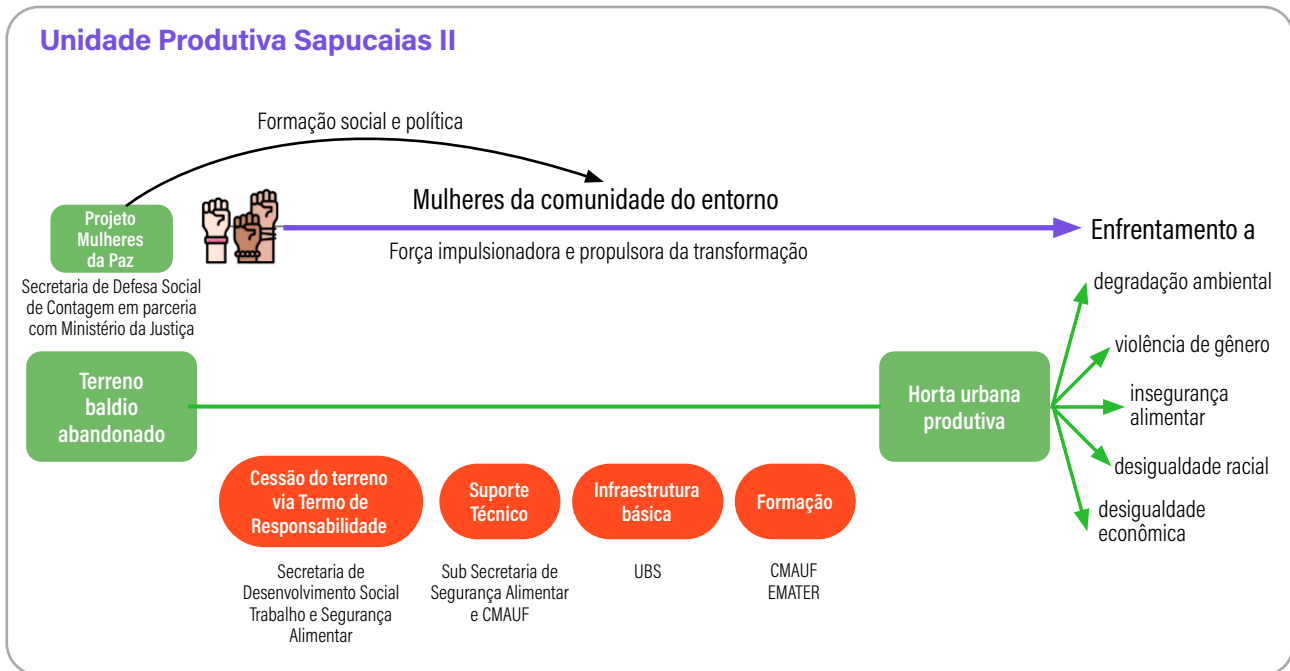




Boa Prática Justiça Climática Unidade Produtiva Sapucaias II

+ IGUAIS

Ícone mãos: amonrat rungreangfangsai - Flaticon.com



frentar desigualdades estruturais, promover a autonomia feminina e transformar territórios vulneráveis em espaços produtivos e sustentáveis.

Em janeiro de 2024, a unidade começou a receber material fornecido pelo CMAUF para construção da área de convivência. Através da realização de mutirões, o espaço foi construído e inaugurado em março de 2024, com o propósito de abrigar a realização de cursos, reuniões e, futuramente, para a comercialização da produção de alimentos.

Recursos para viabilizar a iniciativa

Para a implementação da boa prática, uma série de recursos foi mobilizada, abrangendo desde insumos básicos até parcerias estratégicas que complementaram os esforços da gestão pública. Inicialmente, a Prefeitura, além de ceder o terreno para estabelecimento da horta, via termo de Responsabilidade e Vin-



culação, garantiu insumos e ferramentas fundamentais para viabilizar a transformação do terreno, que antes estava abandonado, repleto de mato e entulho. Além disso, foram assegurados serviços essenciais, como fornecimento de água e energia elétrica, o que foi crucial, considerando que muitas das participantes estão em situação de vulnerabilidade socioeconômica e não teriam condições de arcar com esses custos. A UBS Sapucaias forneceu



a água para irrigação e disponibilizou sua sala de reuniões para as atividades formativas.

Outro ponto destacado foi a oferta de capacitação técnica e acompanhamento frequente das mulheres no local. A equipe envolvida, composta por técnicos municipais e consultores externos, trouxe conhecimentos diversos, mesclando saberes tradicionais e metodologias modernas. Esse suporte técnico incluiu visitas semanais e uma abordagem sensível e participativa, que valorizou o conhecimento prático das próprias mulheres em questões de plantio e lida com a horta, promovendo trocas ricas entre diferentes níveis de expertise.

Em termos financeiros, o projeto foi operacionalizado por meio de uma parceria com uma Organização da Sociedade Civil (OSC), contratada por chamamento público. A Prefeitura alocou um orçamento específico para a execução, somando aproximadamente R\$ 900 mil anuais para ações de agricultura urbana e familiar, além de R\$ 120 mil dedicados ao contrato de apoio às atividades das mulheres. Essa estrutura permitiu maior agilidade na aquisição de insumos e na contratação de serviços técnicos,

embora enfrentasse desafios de continuidade, devido à rotatividade de contratos e equipes.

As parcerias comunitárias e empresariais também desempenharam um papel essencial. As mulheres articularam com empresas locais, como uma mineradora próxima ao território, reivindicando apoio para o projeto, que resultou na obtenção de um contêiner para armazenar ferramentas, itens de irrigação, camisas personalizadas e capacitações específicas, além de emprego para jovens da comunidade. Essas conquistas demonstram a capacidade de mobilização e negociação das participantes, que, com autonomia, ampliaram os recursos disponíveis e fortaleceram o impacto do projeto.

Desafios

A implementação do projeto enfrentou uma série de desafios que refletem tanto questões estruturais quanto aspectos socioculturais. Um dos principais obstáculos apontado pela Diretora da Agricultura Urbana e Familiar e pela Gerente de Produção Agroecológica do muni-



cípio, responsáveis pelo projeto, foi a escassez de recursos financeiros para viabilizar o projeto, além da rotatividade da equipe responsável, que dificulta o estabelecimento de vínculos duradouros com o território e a continuidade das ações. A ausência de servidores de carreira específicos para defender as iniciativas foi mencionada como um fator que compromete a memória e a coerência do programa.

Também mencionaram desafios relacionados com a organização comunitária e a questão da geração e de renda, especialmente porque muitas mulheres envolvidas ainda enfrentam limitações em termos de autonomia financeira. Sem uma geração de renda consistente, apontam que se torna difícil consolidar a unidade produtiva como prioridade. Além disso, as participantes frequentemente precisavam optar entre atividades do projeto e trabalhos remunerados, como faxinas, prejudicando o engajamento nas ações coletivas.

As mulheres envolvidas no projeto enfrentam múltiplas camadas de sobrecarga, como responsabilidades domésticas, cuidado com familiares doentes ou crianças, e trabalho remunerado externo. Isso afeta diretamente a participação e a dedicação ao projeto. Para algumas, o desafio de equilibrar essas demandas as levou a renunciar às atividades produtivas do projeto, enquanto outras buscavam conciliar as atividades para se manterem engajadas.

Foi sugerido que a inclusão de atividades para crianças ou suporte para demandas familiares poderiam facilitar a participação das mulheres nos mutirões e outras atividades do projeto. A necessidade de um olhar mais atento às mães e às cuidadoras foi reiterada, com exemplos como a feira anual de agricultura urbana, que atrai muitas famílias, mas carece de infraestrutura para atender às crianças.

Por fim, a falta de marcos legais ou instru-

mentos institucionais que garantam a estabilidade do espaço foi outra barreira relevante. O comprometimento com o território depende, muitas vezes, da disposição da gestão pública em exercício, o que gera insegurança sobre a continuidade das iniciativas. A necessidade de um esforço constante para defender o espaço e conscientizar a comunidade sobre sua importância foi citada como um desafio recorrente.

Resultados

A implementação da horta comunitária trouxe uma série de resultados significativos, tanto para as mulheres participantes quanto para o território. Inicialmente concebida como um projeto de subsistência, a iniciativa demonstrou um impacto multifacetado, promovendo mudanças econômicas, sociais, culturais e ambientais.





A alimentação das famílias melhorou significativamente, e a possibilidade de gerar renda a partir do cultivo começou a ser explorada desde o início. A transformação do território em um espaço produtivo trouxe não apenas benefícios econômicos, mas também sociais e emocionais, revitalizando o vínculo das mulheres com o local onde vivem.

Um dos resultados mais marcantes da iniciativa foi o resgate cultural proporcionado às mulheres envolvidas, fortalecendo seus vínculos com a terra e suas tradições. Um exemplo emblemático foi o entusiasmo de uma das participantes ao conseguir uma muda de araruta, planta que remeteu à sua infância. A empolgação foi tanta que ela não apenas cultivou a planta e colheu seus frutos, mas também organizou uma oficina para ensinar outras mulheres a produzir farinha de araruta. Durante essa atividade, foram exploradas diversas possibilidades culinárias, como o preparo de biscoitos e polvilho, mostrando como o cultivo vai além do aspecto prático ou econômico.

Essa experiência demonstrou como a horta transcende a simples função de subsistência ou geração de renda. Ela também se conecta com a identidade e a memória afetiva das mulheres, criando um impacto que vai além da produção agrícola. Esse resgate cultural e emocional restaura laços subjetivos e fortalece a relação das participantes com o território e com suas raízes, gerando um sentido de pertencimento e valorização de suas histórias e saberes.

A horta proporciona acesso direto a alimentos saudáveis, produzidos de forma sustentável e rastreável, promovendo uma alimentação de maior qualidade para as famílias envolvidas. Além disso, os relatos indicam que o cultivo coletivo trouxe melhorias físicas e mentais às participantes, criando um espaço

que não apenas alimenta o corpo, mas também promove saúde e bem-estar emocional.

Embora a geração de renda ainda esteja longe do ideal, o projeto contribuiu para um aumento na autonomia financeira das mulheres. Além disso, o trabalho coletivo fortaleceu os laços comunitários, estimulando a troca de saberes e a organização entre as participantes.

O projeto também teve repercussões positivas na segurança pública local, transformando o território em um espaço de convivência segura e ativa. Espaços antes degradados e associados ao descarte de lixo foram transformados em áreas produtivas, incluindo uma agrofloresta, modificando a paisagem e promovendo práticas agroecológicas. Mulheres que antes viviam isoladas em seus lares passaram a socializar, trocar experiências e compartilhar desafios. A ocupação desse território não só fortaleceu os laços entre as participantes, mas também mobilizou a comunidade a reconhecer e defender o projeto.

Um destaque foi a inclusão de familiares no manejo diário da horta. Essa interação intergeracional, com a presença de filhos/as e netos/as no espaço, promoveu a educação ambiental desde cedo, reservando até canteiros específicos para as crianças, reforçando a conexão com a terra e o cuidado com o meio ambiente.

Por fim, o impacto do projeto transcende os limites do grupo envolvido. O reconhecimento das mulheres como lideranças no bairro e o aumento da visibilidade da agricultura urbana revelam o potencial transformador da iniciativa. Esse trabalho inovador integra segurança alimentar, sustentabilidade ambiental e resgate cultural, mostrando como projetos comunitários podem gerar mudanças profundas e duradouras.



Por onde começar

- 1 Identificação de Áreas Ociosas no Território:** Realizar um chamamento público para que a população local ajude a mapear terrenos ociosos em seus bairros. Essa abordagem aproveita o conhecimento territorial dos/as moradores/as, que já estão familiarizados/as com o contexto das áreas degradadas e subutilizadas.
- 2 Capacitação das Pessoas Envolvidas:** Oferecer programas de formação voltados às práticas agroecológicas e à gestão de hortas comunitárias. É essencial que os cursos considerem os saberes prévios dos/as participantes, promovendo uma abordagem inclusiva e adaptada à realidade local.
- 3 Oferta de Insumos e Apoio Inicial:** Fornecer ferramentas, insumos agrícolas e mudas para viabilizar os

primeiros ciclos produtivos, além de oferecer bolsas ou incentivos financeiros temporários para as participantes no período inicial.

- 4 Sensibilização e Respeito aos Saberes Locais:** Engajar técnicos e gestores que compreendam e respeitem os conhecimentos e histórias das participantes. É fundamental integrar os saberes locais na proposta produtiva, valorizando a cultura e as práticas já existentes.
- 5 Garantias de Acesso e Reconhecimento Formal:** Oferecer garantias formais aos participantes, como reconhecimento oficial como agricultores e acesso seguro ao espaço produtivo. Isso inclui carteiras profissionais, contratos e proteção contra remoção arbitrária de interessados externos.

BoaPrática Justiça Climática

Unidade Produtiva Sapucaias II

Para saber mais:



Contato: Ariele Souza Martins (Gerente de Apoio à Produção Agroecológica)
arielle.martins@contagem.mg.gov.br



Site: <https://www.instagram.com/hortacomunitariasapucaias?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>



Referências

<https://portal.contagem.mg.gov.br/visao-geral-observatorio/>
<https://www.brasildefatomg.com.br/2023/01/27/horta-comunitaria-garante-alimentos-saudaveis-e-fonte-de-renda-para-mulheres-em-contagem>
<https://www.youtube.com/watch?v=HLbPaoqwZGw> <https://www.zeprataeivanir.com.br/agricultura-urbana-ressignificando-espacos-ociosos-no-municipio-de-contagem/#:~:text=A%20Unidade%20Produtiva%20Sapucaias%20II,de%20Contagem%2C%20por%20interm%C3%A9dio%20da>
<https://www.cedefes.org.br/horta-comunitaria-do-sapucaias-transforma-vidas-de-mulheres/>
<https://portal.contagem.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/76972/horta-comunitaria-do-sapucaias-transforma-vidas-de-mulheres>
<https://ime.events/coneamb2023/pdf/29233>
<https://portal.contagem.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/40208/mulheres-da-paz-estao-a-todo-vapor>

CRÉDITOS

Pesquisa e redação **Lígia Amoroso Galbiati**

Revisão Técnica **Aline Martins, Marina Barros e Walquiria Tiburcio**

Projeto e diagramação **Daniela Knorr**

Fotografias **Prefeitura Municipal de Contagem (MG)**

PARCEIROS



REALIZAÇÃO



FINANCIAMENTO

